

Entrevista com Vítor Papão, Diretor Geral da Gilead Sciences:

## “Independentemente da capacidade dos países para suportarem determinados preços, continuaremos a proporcionar acesso aos nossos medicamentos”



Trazer soluções disruptivas e que mudam, de alguma forma, o paradigma do tratamento das doenças nas áreas em que trabalhamos, permite-nos manter uma dimensão, do ponto de vista dos recursos humanos, relativamente pequena, comparativamente a outras grandes empresas da área farmacêutica. Também nos permite desenvolver esses medicamentos que trazem soluções disruptivas e só dessa forma conseguimos manter-nos como somos, enquanto empresa relativamente pequena, investigando medicamentos que revelem um avanço terapêutico claro e evidente nestas áreas. Em suma, somos totalmente dependentes da nossa missão para podermos cumpri-la.

### Em que medida está essa procura de soluções disruptivas com recursos inferiores aos das grandes empresas farmacêuticas dependente de um forte investimento em I&D?

VP - A Gilead inspira-se na necessidade de desenvolver e disponibilizar medicamentos que salvam e melhoram vidas. As novas moléculas ajudam a transformar e simplificar os cuidados prestados a milhões de pessoas com doenças potencialmente fatais em todo o mundo. Ao longo da nossa história, temos estabelecido parcerias com instituições académicas, empresas biotecnológicas e farmacêuticas e outras entidades, tendo como objetivo promover a melhoria dos cuidados prestados aos doentes que se confrontam com doenças potencialmente fatais. Essa procura de soluções disruptivas traduz-se num forte investimento em I&D.

### Tem noção de que influenciaram as metas da Organização Mundial da Saúde, nomeadamente no que respeita à eliminação da Hepatite C?

VP - Mais do que dizer que influenciámos essas metas, uma coisa é certa: fruto do trabalho, particularmente dessa investigação “dentro de casa” mas também de irmos buscar uma molécula muito promissora a outra empresa, tivemos a felicidade de podermos trazer uma solução altamente disruptiva no domínio da Hepatite C e que fez com que o paradigma do tratamento mudasse. A partir do momento em que existe algo que permite curar a esmagadora maioria dos doentes, com um regime relativamente simples de tratamento e em que quase todas as pessoas têm resposta, isso faz com que a OMS admita ser possível almejar a eliminação da Hepatite C e colocar uma meta temporal para que isso aconteça. Nós e outras empresas que trabalham na área proporcionámos as ferramentas que permitiram que esses objetivos fossem alterados e

Particularmente conhecida em Portugal pela introdução da inovadora terapêutica para o VHC que tem salvo milhares de vidas, a Gilead tem apostado no desenvolvimento de medicamentos para tratar doenças potencialmente fatais, oferecendo não só sobrevida mas igualmente qualidade de vida. Mas existem outras áreas terapêuticas, como a hepatite B e o VIH, em que esta empresa farmacêutica se tem vindo a destacar, havendo no mundo cerca de 13 milhões de pessoas já tratadas com os seus medicamentos. Também a vertente social e de apoio à comunidade científica constitui um fator de diferenciação, como nos explica, em entrevista, Vítor Papão, Diretor Geral da Gilead Sciences.

Vítor Papão (VP) - A Gilead é uma empresa recente, comparativamente a outras empresas farmacêuticas. Nasceu em 1987, na Califórnia, onde mantém a sua sede, com a missão particular de trabalhar doenças e infeções virais. Começámos pela infeção por VIH e pelo vírus da Hepatite B e, ao longo destes anos de trabalho, temos procurado desenvolver medicamentos para tratar doenças potencialmente fatais. Ao trazeremos soluções terapêuticas para os doentes que padecem dessas doenças, procuramos oferecer medicamentos que mudem de forma significativa não só a sobrevida dos doentes mas igualmente a sua qualidade de vida. Em Portugal, a Gilead está presente desde 2001, o que faz da Gilead Portugal uma das subsidiárias mais antigas - na

altura, foi adquirida a Nexstar Farmacêutica, uma empresa que já possuía escritórios no país, assim como uma presença em vários outros países europeus.

### Que motivos sustentaram, nessa altura, a aposta da Gilead em Portugal?

VP - A aquisição da Nexstar dá-se por duas razões fundamentais: havia, por um lado, a necessidade de termos uma presença na Europa; por outro, já na altura, a Nexstar tinha um produto no mercado, um antifúngico sistémico, ainda hoje promovido pela Gilead, que lhe permitia começar a ter receitas que viabilizassem o desenvolvimento dos seus antivirais para a Hepatite B e para o VIH.

### A Gilead elege como missão proporcionar tratamento a doentes com doenças potencialmente fatais. Pergunto-lhe se este desígnio assenta primordialmente em critérios económicos ou revela, por outro lado, uma missão social... Dá a ideia de uma espécie de procura de soluções milagrosas, como acabou por suceder com o novo tratamento para a Hepatite C...

VP - A procura de soluções disruptivas para doenças potencialmente fatais é o que nos move. Elegendo como foco trazeremos estas soluções terapêuticas que melhoram a sobrevida e a qualidade de vida dos doentes nas áreas terapêuticas em que trabalhamos - cujo leque estamos atualmente a alargar - procuramos aportar algo significativo para a sociedade na área da saúde.

isso é a evidência clara de que temos cumprido a nossa missão na área da Hepatite C.

**Mas o cumprimento da missão da Gilead também poderá contribuir para a extinção de algumas áreas da empresa... Eliminação da Hepatite C, não serão necessários mais medicamentos...**

VP – Não é a primeira vez que nos colocam essa questão e, até há relativamente pouco tempo, um grande banco produziu um relatório que fazia referência a essa realidade, referindo que este não é um modelo de negócio sustentável... Nós acreditamos que é. Se pensarmos na nossa missão e no cerne do que fazemos, não podemos deixar de continuar a procurar soluções como esta que encontramos para a Hepatite C. E se pensarmos na prevalência e na incidência da Hepatite C, constatamos que temos ainda muito trabalho pela frente para conseguirmos chegar à eliminação. A OMS colocou a meta em 2030 mas, até lá, temos muito trabalho.

**Mas se é verdade que a Gilead já abriu as portas à concretização desse trabalho – os indicadores de cura são altíssimos, acima dos 95% - outros ainda não o terão feito chegar aos patamares desejáveis, nomeadamente no plano político... Em Portugal, por exemplo, este tratamento ainda não chegou a muitos públicos que dele precisam para sobreviverem...**

VP – Creio que, hoje em dia, existe uma aceitação generalizada do resultado que pode obter-se a partir de uma intervenção concertada na Hepatite C, no sentido de chegarmos à eliminação. Na altura em que encetámos o trabalho que culminou com a aprovação da comparticipação dos medicamentos, havia em Portugal um claro entendimento e vontade de se chegar à eliminação da Hepatite C e o que nos apercebemos é que temos que repetir constantemente esse trabalho porque os nossos interlocutores também vão mudando constantemente. No entanto, o que nos é transmitido pelas autoridades, ministério da saúde e Infarmed é a vontade e motivação para chegarmos à eliminação. É trabalho nosso, da Gilead, mas também de todos os parceiros e agentes, continuar a motivar e garantir que esse propósito e vontade perdure no tempo e não seja vítima dos ciclos eleitorais. Creio que o temos conseguido fazer. Por exemplo, avaliamos muito positivamente a assinatura do protocolo entre o ministério da saúde e o ministério da justiça no sentido de tratar a população reclusa, sendo necessário que o mesmo seja operacionalizado e que os doentes sejam efectivamente tratados, o que ainda não aconteceu. Existe ainda a necessidade de ligar aos cuidados de saúde os utilizadores de drogas, em particular os que estão na rua. Da mesma forma que se conseguiu o acordo entre o ministério da justiça e o ministério da saúde, haverá formas de encontrar soluções para esta população, sendo o imperativo assegurar o acesso a cuidados de saúde.

**O Governo português foi o primeiro a negociar o tratamento para a Hepatite C por**

**taxa de resultados, ou seja, apenas paga a cura... Isto significa uma grande segurança da parte da Gilead relativamente à eficácia do tratamento...**

VP – Na altura, não tínhamos qualquer razão para duvidarmos dessa eficácia e a verdade é que os resultados, na vida real, como reportados pelo INFARMED, demonstram e comprovam que estes medicamentos são altamente eficazes e que a taxa de cura na vida real é até um pouco superior à dos ensaios clínicos.

**Que tipo de relação mantém a Gilead em Portugal, do ponto de vista social, com as organizações da sociedade civil particularmente as associações de doentes?**

VP – Essa é uma parte importantíssima do nosso trabalho. Através do nosso conhecimento e ajuda, procuramos apoiar as organizações da sociedade civil, nesse trabalho de promoção da ligação das pessoas aos cuidados de saúde. Através do nosso programa de responsabilidade social, que ao longo das últimas cinco edições, quer no que respeita a investigação científica, quer no apoio a projetos de iniciativa comunitária, já contribuímos com cerca de 1,4 milhões de euros. Temos também um programa de grants and donations, ao qual concorrem associações de doentes, cujos programas conseguimos, nalguns casos, financiar. Depois, fazemos ainda um trabalho diário, ajudando-os a desenhar processos e a trazer novas ideias para cima da mesa. É também essencial o feedback que recebemos das associações no sentido de melhorar os nossos próprios programas de forma a que melhor sirva os doentes com patologias nas áreas em que trabalhamos. Não nos podemos esquecer que é fundamental que o conhecimento se propague, nomeadamente pela comunidade científica. Atualmente, há cerca de 15 ensaios clínicos a decorrer em Portugal da Gilead ou que envolvem medicamentos da Gilead, sejam por nossa iniciativa ou do investigador. Por essa via, não só procuramos que aumente o conhecimento mas também que os profissionais de saúde nos ajudem a perceber melhor a eficácia e segurança dos nossos medicamentos.

**Novas linhas de investigação, um programa de acesso solidário e novas esperanças...**

“Historicamente, as áreas terapêuticas onde iniciámos o nosso trabalho foram o VIH e a Hepatite B, passámos mais tarde para a Hepatite C e estamos atualmente a enveredar por outras áreas onde acreditamos que existem necessidades médicas por preencher e em doenças potencialmente fatais. Seja na oncologia, seja na área de outras doenças do fígado, seja na inflamação, estamos com programas de desenvolvimento muito ativos. Por outro lado, o nosso trabalho nas doenças virais não termina aqui. Estamos a desenvolver medicamentos para a Hepatite B e para o VIH, onde ainda não conseguimos chegar à cura, mas esse é o nosso propósito: um dia conseguir chegar onde chegámos relativamente à Hepatite C. E estamos também a trabalhar no seio do nosso portefólio de medicamentos, na procura de soluções para a infeção pelo Ébola e pelo Zica, sendo que para o Ébola temos um composto em investigação muito promissor. Falamos de áreas em que não antevemos um retorno financeiro significativo, uma vez que estamos perante doenças endémicas em territórios de poucos recursos. Temos por filosofia que o acesso aos nossos medicamentos tem que estar garantido independentemente do sítio do mundo onde o mesmo seja necessário. Com o nosso programa de acesso, já tratamos mais de 10 milhões de pessoas com VIH fora dos países ditos desenvolvidos e, no total, há cerca de 13 milhões de pessoas em todo o mundo que já foram tratadas com medicamentos da Gilead para o VIH. No caso da Hepatite C, já conseguimos chegar, através do nosso programa de acesso, a uma população que supera um milhão de doentes. E continuaremos a desenvolver o nosso trabalho no sentido de proporcionarmos acesso, independentemente da capacidade dos países para suportarem determinados preços”.

